

PERFIL

TONY, O COSTUREIRO

Tony Miranda apresenta-se como o único costureiro de alta-costura português. Com quase 50 anos de experiência, o homem que vestiu celebridades como Brigitte Bardot, presidentes africanos e príncipes do Médio Oriente continua a ser mais conhecido fora de Portugal do que no seu país. Dia 26, vai mostrar no Ritz uma ambiciosa coleção com mais de 100 criações

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **TIAGO MIRANDA**

48

Na avenida mais luxuosa de Lisboa — a Avenida da Liberdade —, Tony Miranda tem um prédio inteiro. O seu nome, longe de ser adorado pelos fashionistas portugueses e que nunca constou dos eventos badalados da moda nacional, vem escrito nos toldos de todos os andares do nº 92. Está monogramado como os seus fatos, personalizados e exclusivos. Quem sobe à zona privada da loja de Tony Miranda, depois de passar pelo elegante lobby de madeira e de entrar no luminoso espaço onde se podem apreciar algumas criações, dificilmente imagina que o costureiro fugiu de casa aos 14 anos num autocarro para Paris, já com este sonho em mente. Era apenas um menino humilde de Felgueiras, filho de uma costureira e de um sapateiro, e a viagem para França fez-se “uns bocados de autocarro, outros bocados a pé”, con-

ta, com o sotaque francês de 25 anos de vida passados lá. Seguiram-se quatro anos de vida típica de emigrante, a desenrascar-se, a trabalhar na construção civil ou no que fosse preciso. Até bater à porta do primeiro ateliê de alta-costura. Afinal, foram as imagens de um desfile da Christian Dior, na televisão, que causaram o ‘clique’ para tentar a sorte.

COSTURA NO SANGUE

“Nasci no meio dos trapos”, conta. “A minha mãe era costureira, e quando fazia peças, eu tinha sempre tendência para os tecidos mais caros. Fiz o primeiro fato com 13 anos — um fato de noivo. E foi graças a outro fato que criei que fiquei na Ted Lapidus (conhecido estilista francês), uns anos mais tarde.” Começou por trabalhar num ateliê onde se transformavam fa-

tos e vestidos, a La Renouvette, e depois trabalhou na Joseph Camps, onde aprendeu “tudo sobre a perfeição”. “A dar pontos, a não pôr demasiado fio... A deixar a roupa respirar.” Três anos mais tarde, quando a Lapidus pôs um anúncio a pedir um jovem ambicioso e com ideias, apresentou-se. Não se deixou intimidar pela fila, nem pelo assistente, que disse que todos os não italianos podiam sair — o que o eliminaria, em teoria. Mas Tony fez-se de parvo e quando chegou diante do *designer*, este olhou para o fato que trazia vestido e, ao saber que tinha sido ele a concebê-lo, decidiu: “Este fica.”

Dois anos mais tarde, conseguiu sala própria e começou a desenhar os próprios modelos. Passado um tempo, chegou a diretor criativo da Lapidus, onde permaneceu dez anos. “Fiz sempre roupa



50 ANOS DE EXPERIÊNCIA
FUGIU DE CASA AOS 14 ANOS RUMO A PARIS, POR CAUSA DE UMA COLEÇÃO DE ALTA-COSTURA QUE VIU NA TELEVISÃO

de homem e de mulher, ao contrário da maioria dos costureiros”, partilha. O “estilo masculino”, adaptado à silhueta da mulher, é uma das suas marcas. Ficou conhecido pelo ‘smoking’ feminino. Gosta de uma silhueta de mulher “muito marcada na cintura”. “Já o homem é uma coisa diferente. Tem que se conversar com ele, perceber que tipo de pessoa é — se um artista, se um homem de negócios...”

Foi na Ted Lapidus que Tony Miranda privou e conheceu os principais clientes: celebridades como Brigitte Bardot, os cantores Jacques Brel e Aznavour, o Xá da Pérsia, Reza Pahlevi, uma série infindável de presidentes africanos e xeques do petróleo, do Médio Oriente. “Durante 32 anos, vesti o Presidente do Gabão e toda a família. Voei vezes sem conta para Libreville (a capital), e consoante o programa e as visitas de Estado do Presidente, criava os fatos para cada dia. Conforme o clima, o tipo de reunião... Saía dali com tudo numerado, de 0 a 10, para cada momen-



PERFECCIONISTA “POR UM MILÍMETRO QUE NÃO ESTEJA COMO QUERO DESFAÇO UMA PEÇA INTEIRA”, PARTILHA. TONY MIRANDA É MUITO ATENTO AO PORMENOR E É ISSO QUE DISTINGUE OS SEUS FATOS. INTERIORES EM SEDA NATURAL, OS MONOGRAMAS DOS CLIENTES, OMBROS MOLDADOS À MEDIDA E UMA SÉRIE DE BOLSOS INTERIORES SÃO ALGUMAS DAS CARACTERÍSTICAS DAS SUAS PEÇAS

to de cada visita oficial...” Orgulha-se de muitos dos clientes serem também seus amigos. “Tenho um, na Suíça, que sempre que lá vou a casa manda todos os empregados e o staff para casa e vamos os dois para a cozinha...”, partilha. De vez em quando, presenteiam-no com um relógio cravado de diamantes ou um tapete persa feito à mão. Reconhecimento pelos pedidos extravagantes ou feitos a desoras, a meio da noite...

Hoje, 90% da sua clientela continua a ser estrangeira — apenas 10% é nacional. Regressou a Portugal há 25 anos, “por causa de uma grande paixão”. Nessa altura, já tinha loja em Paris, em nome próprio, há 10 anos, e atingira um patamar que apenas poderia manter. Sequioso de novos voos, veio para Portugal com vontade de “ensinar aos jovens a arte da alta-costura”. Mas encontrou “uma receptividade diferente”. “Aqui, os designers só querem apresentar coleções. Não querem sentar-se no banquinho e aprender a costurar...”, desabafa.

Para ele, que domina cada pormenor da arte da costura, isso



não deixa de ter um sabor amargo. E mostra o trabalho contido num blazer de homem: o ombro, moldado à medida da postura do cliente, a gola que nunca sai do sítio; o punho elegante, que patenteou; a quase dezena de bolsos interiores pensados para telemóvel, caneta, óculos, carteira, etc., sem que nada disso seja visível por fora; todos os acabamentos, em seda natural; os monogramas dos clien-

"EM PORTUGAL, OS ESTILISTAS SÓ QUEREM APRESENTAR COLEÇÕES. NÃO QUEREM SENTAR-SE NO BANQUINHO E APRENDER A COSTURAR"

tes, no interior do casaco; ou algumas casas de botão, na gola de um casaco, que chegam a levar 400 pontos à mão!

A PREÇO DE OURO

É óbvio que tudo isto se paga — e por isso, um fato “normal” de homem (*taylor made*, personalizado, monogramado) tem um preço médio a rondar os 2000 euros. O mesmo para um vestido de senhora. Depois, tudo depende dos tecidos e acessórios que se quer acrescentar — há, por exemplo, tecidos com fio de ouro até 24 quilates, ou com fio de diamante, que encarecem muitíssimo o produto final, mas são garante de algo único. Ou botões de punho em olho de tigre e ouro, ou ainda tecidos exclusivos como a vicunha, um animal dos Andes cuja pelagem muito fina é muito cara. O vestido mais caro que fez — de noiva, para uma princesa do Médio Oriente — custou “45 mil contos, à época”. “Foi bordado à mão durante sete meses.”

Mas o maior gozo que tem ao vestir alguém é testemunhar a sua “transformação”. “Gosto de valorizar as pessoas mais difíceis de vestir”, assume. “Para mim, quando não é complicado não tem interesse. O mais importante nas criações é o corte.” Perfeccionista, confessa que “por um milímetro de tecido que não esteja como quero, desfaço uma peça toda”. No próximo dia 26, vai apresentar, no Ritz, provavelmente, a maior coleção jamais vista em Portugal. Com 100 peças, de mulher e de homem, será marcada por alguns clássicos, como o ‘smoking’ feminino, e pelas flores. “É muito inspirada no impressionismo de Monet, quase como um jardim.” Há seis meses que andam a trabalhar, ele e a sua equipa de 18 funcionários, para o desfile. “Em Paris, era raríssimo haver coleções com menos de 85 peças”, explica, justificando o elevado número de criações. Viciado no trabalho, assume que se esquece das horas, quando começa uma peça. E partilha: “Não tenho férias. Duas semanas sem os meus trapos e já não funciono muito bem...”

revista@expresso.impresa.pt



Tony Miranda em números

2000

EUROS É O PREÇO MÉDIO DE UM FATO DE HOMEM OU DE UM VESTIDO DE SENHORA. TODAS AS PEÇAS SÃO FEITAS À MEDIDA

400

PONTOS, DADOS À MÃO, É QUANTO PODE TER UMA CASA DE UM BOTÃO NO COLARINHO DE UM CASACO DE UM FATO DE HOMEM DE ALTA-COSTURA

90%

DA CLIENTELA DE TONY MIRANDA AINDA É ESTRANGEIRA. NA SUA MAIORIA, SÃO CLIENTES DO TEMPO EM QUE ERA DIRETOR CRIATIVO DA TED LAPIDUS, EM PARIS, E QUE SE MANTÊM. MÉDIO ORIENTE, ÁFRICA, INGLATERRA, SUÍÇA E FRANÇA SÃO OS PAÍSES ONDE VIVEM

45.000

CONTOS (225 MIL EUROS) FOI O PREÇO DO VESTIDO MAIS CARO QUE JÁ VENDEU. ERA UM VESTIDO DE NOIVA PARA UMA PRINCESSA ÁRABE, EM CETIM E RENDA, QUE DEMOROU SETE MESES A BORDAR À MÃO. O BORDADO ERA A FIO DE OURO

100

PEÇAS DE ALTA-COSTURA É O NÚMERO DE CRIAÇÕES DE SENHORA E DE HOMEM QUE VAI APRESENTAR NO HOTEL RITZ, EM LISBOA, NO PRÓXIMO DIA 26. A NOVA COLEÇÃO É FORTEMENTE MARCADA PELAS FLORES, COMO UM JARDIM IMPRESSIONISTA, INSPIRADO EM MONET